

Tapejara

O Século XX, disse-o alguém, entre outras particularidades que apresenta, constituiu, de maneira iniludível, a consagração do mito.

Noutros termos, em meio à geral inquietude dos tempos modernos; extraviado no bulício invante da época atual; impotente, enfim, ante as sombrias perspectivas do imenso cósmos em ebulição, a que assiste; vai-se o espírito humano, a pouco e pouco, distanciando da realidade para ensimesmar-se e, como corolário, entregar-se, completamente, ao mito com suas infinitas fantasias.

Daí, então, que se nos deparem criações míticas raciais, linguísticas, nacionais, históricas, econômicas, políticas e outras mais, confundidas, as mais das vezes, umas com as outras, e, quase sempre, para desgraça do homem e atraso da sua marcha ascensional.

Racismos nazistas, comunismos econômicos, ressurreições teocráticas de vários gêneros, vão, assim, dentro da maior receptividade ambiente, impondo seus postulados, forçando seus princípios, implantando suas ambições, como imperativos categóricos, a que não há fugir.

Tudo isso é mito e está, portanto, em consonância com a incerteza, provações e confusão espiritual do momento.

Contrastando com semelhante desvio da realidade, eis se nos deparam em todos os países americanos (ou, ao menos, em sua grande maioria) um como despertar de energias criadoras, um como grito de atávica auto-consciência, uma como iniludível compreensão de inatas possibilidades e inclinações.

Agora, mais do que nunca, perfeitamente integrado na magia ecológica que o circunda, sente o habitante do Novo Mundo não poder, a menos que se lhe avilte a personalidade, relegar a plano secundário o incomparável da natureza americana, o soberbo das suas tradições e passado de glória das civilizações pre-colombianas, a própria identificação fraternal pelo comum lastro ameríndio.

Com efeito, ao lado do Panamericanismo, idealizado pelas tendências socio-políticas das últimas décadas, ergue-se, agora, igualmente imponente e invencível, o Indoamericanismo cultural, histórico, telúrico.

E nem poderia ser de outro modo.

Se habitamos novas plagas, com novos elementos naturais, nova cultura, novas raças, novos fatos históricos e novos nomes, como permaneceremos exatamente iguais aos colonizadores, só em parte nossos antepassados?

As próprias figuras regionais, com seus curiosos meios de vida e peculiaridades gerais, não-lo sugerem, a todo instante.

Gaúcho, jagunço, vaqueiro, rastreador argentino, vaqueano, **TAPEJARA**... **TAPEJARA** é termo generalizado pelo Brasil. Etimologicamente, vem do tupi tapé ou pé, caminho, estrada, e jara ou yara, senhor, conhecedor. Literalmente, senhor do caminho, guia, condutor...

Nas brenhas ainda quase virgens dos pés dos falsos civilizados, que expressão mais geral, sugestiva e congraçadora do que esta?!

Veículo do Centro Cultural "Euclides da Cunha", "**TAPEJARA**", ao mesmo tempo que procurará divulgar a mensagem euclidiana pelo Brasil afora, desempenhará, igualmente, o papel de porta-voz da fraternidade cultural em geral entre o Brasil e seus irmãos da Indo-América, essa Indo-América tão rica em homens e idéias.

Ao lado da reabilitação do sertanejo para revelação da existência de incomparáveis intelectos e caracteres ainda em estado potencial, quando não, em franca fase de realização, empreenderá, o novo órgão da pujante instituição pontagrossense, trazer ao nosso convívio figuras exponenciais do Brasil e do continente, levando-lhes, como singela retribuição, o testemunho da nossa boa-vontade, consciência continental inegável e imutável vocação de servir a este continente, de propagar a sua cultura e promover a união permanente de seus homens e suas coisas.

Este o significado de "**TAPEJARA**".